

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 983	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Annuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 DE ABRIL DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



XV Congresso de Medicina



DR. MIGUEL BOMBARDA
Secretario Geral do Congresso

2.º plano — M.ª Mattos Chaves — M.ª Furtado — M.ª Caldeira Cabral — M.ª Arrobas — M.ª Avelino Monteiro — M.ª Mauperrin Santos
1.º plano — M.ª Mello Breyner — M.ª Achilles Machado — M.ª Costa Allemão — M.ª Beirão — M.ª Daniel de Mattos — M.ª Pereira Amado

«COMITÉ» DAS DAMAS PORTUGUÊSAS PARA A RECEPÇÃO DAS CONGRESSISTAS ESTRANGEIRAS

(Clichés da Photographia Bobone)

Chronica Occidental

Porque havia de ser na semana santa, tempo só de recolhimento nos falando, que havia Lisboa de sobresaltar-se, d'aquella forma?

Eram todos os theatros fechados e grande parte dos estabelecimentos; já ia esquecendo a primeira sublevação dos marinheiros a bordo do cruzador *D. Carlos*; ninguém pensava que, áquella hora da noite, um signal de nova revolta iria sobresaltar a cidade.

Os dois tiros de peça disparados pelo *Vasco da Gama* atrahiram immensidade de gente para a beira do rio, sobretudo para o Arsenal e Terreiro do Paço, curiosa de saber que outras más novidades haveria.

Quem escreve estas linhas andava então pelo Algarve, onde apenas dois dias passou, inolvidáveis, tanto o sol da primavera entornou sobre a provincia do extremo sul da nossa terra, todas as maravilhas de seus thesoiros. Não assistimos portanto á commoção de Lisboa mas noticias telegraphicas, que logo iam correndo de bocca em bocca, em cada bocca exageradas, disseram-nos que o *D. Carlos* havia sahido a barra, com carta de prego, provavelmente em longa viagem, ninguém sabia para onde. Era uma revolução que tinha rebentado! Não sei se já todos os regimentos da guarnição andavam pelas ruas da Baixa descarregando as armas.

E o Algarve, em dois dias que lá passámos, só nos havia falado de paz, de trabalho, do esforço bemdito da sua gente, para arrancar d'aquella terra illuminada pela mais doce das luzes, a abençoada riqueza da grande familia algarvia. Um dia percorremos a serra, desde Faro até Loulé por Estoy e S. Braz de Alportel; no outro o comboio, que ia inaugurar a estação de Villa Real, conduziu-nos até á cidade de Tavira. E por toda a parte, nas encostas, nos planaltos, ou nas planicies onde o mar vem quasi beijar as raizes das cepas, o braço musculoso do homem cavou a terra, o suor das fronteiras a regou. Tudo é bello e, ainda mais, é commovente. A casa algarvia é um encanto. Não queremos já falar das casas das cidades e villas, de linhas maravilhosamente proporcionadas, a que um musgo especial, que brilha ao sol como palhetas de ouro, recobre os telhados e as cantarias. Pudesse a provincia, a par das suas tradições de trabalho e honra, conservar tambem seu fino gosto no construir. Mas as casas das aldeias! E aquellas, muito brancas, que vemos disseminadas por meio das vinhas e trigaes, ou sorrindo por entre o verde muito fresco das amendoeiras! Quem soubesse escrever a poesia muito sentida que se chamasse *As chaminés do Algarve!* Dentro sempre da mesma tradição, que fantasia popular sabe variá-las! Se a vulgar linguagem diz *lar por familia*, a columnasinha de fumo que, pelas tardes de oiro, se eleva mansamente das columnas ou prismas arrendados, parece contar-nos que é venturosa a familia que sob aquelles tectos finalmente descança de muitas horas de labuta. O amor á terra, o amor á familia, trabalho e honra, n'um volver de olhos se percebem.

Tudo nos fala de paz n'aquella terra, o mar e o céu, as velhas, generosas alfarrobeiras despen-teadas, e as searas que vêm apontando, enfeitadas de papoilas cor de rubis.

Foi ali que nos chegou exagerada a noticia da nova revolta dos marinheiros. Em Lisboa soubemos de como as coisas se haviam passado. Não havia uma morte, nem sequer um ferimento. Os jornaes já pouco falam do caso; em conversações particulares é que ainda se discutem consequencias possíveis, e se commenta, para alguns muito elogiosamente, o proceder dos officiaes.

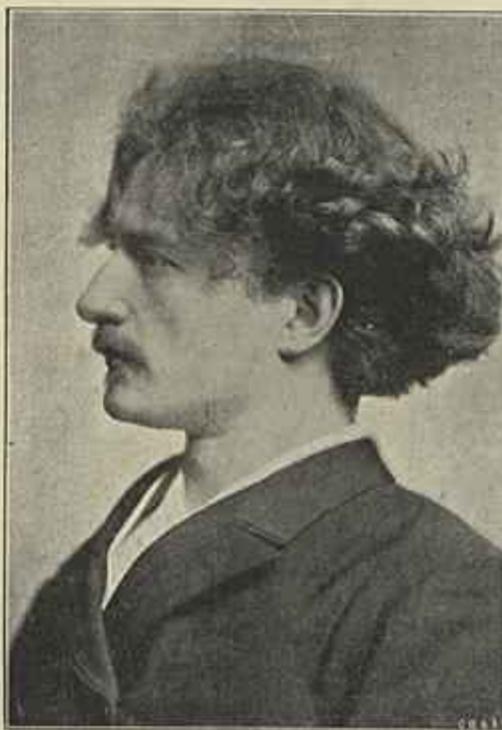
E' de esperar, attendendo á forma por que os marinheiros obedeceram aos commandantes, que brevemente o caso esteja quasi completamente esquecido.

De novo, a marinha brasileira mais nos chamará a attenção com a recita que em favor das victimas do *Aquidaban* se vai realizar no theatro de D. Maria. Annuncia-se brilhante o espectáculo com a recitação de varias poesias de poetas portuguezes.

Outro beneficio no mesmo theatro está sendo esperado com alvoroço, o da Emilia Candida, a deliciosa velhinha, cheia de graça, que no papel que vai desempenhar nos *Velhos*, uma velha muito velha, terá de procurar caracterisar-se de mais nova. Tem oitenta e tres annos esse exemplar commovedor da velha, purissima graça portugueza. Que ovação ella não vai merecer, a antiga Emilia Vareta, aos velhos que, com ouvil-a, ah muitos annos, passavam no theatro as suas horas melhores!

Será esta provavelmente a ultima grande noite em theatro portuguez. O publico, dentro em pouco, só pensará na zarzuela do theatro D. Amelia e na companhia lyrica que, já, com muitos applausos, inaugurou seus espectaculos no Colyseu das Portas de Santo Antão.

Noite de verdadeira arte foi a da estreia do grande pianista polaco, Paderewski, no theatro de S. Carlos. Este nome é considerado no mundo inteiro como o de maior gloria musical. O entusiasmo foi immenso. Com dois concertos do eminente pianista terminaram os espectaculos de S. Carlos, que fechou como manda a boa rhetorica que fechem os sonetos.



PADEREWSKI

Chamam-lhe o successor de Rubinstein, e, como este, é Paderewski excellente compositor. O que, porem, torna sua fama incomparavel é a forma por que no piano interpreta os grandes mestres e sobretudo Chopin, seu compatriota.

Vamos entrar no verão e nem por isso deixa Lisboa de pensar em divertimentos. Não me refiro aqui nem ás toiradas, que já começaram com um grande triumpho para José Casimiro de Almeida, nem á feira de Alcântara, muito melhorada este anno, e d'onde os carros electricos partem cheios de passageiros até ás duas horas da madrugada.

Agora que muito se fala em trazer a Lisboa todos os ricaços da America do Sul que vêm á Europa dispersar seus milhões, tornar a capital atrahente para esses estrangeiros é quasi uma obrigação. Que, se assim não fôr, nem meia hora aqui teremos brasileiros, montevidenses e argentinos.

Parece ir por deante a idéa da fundação do Grande Club. Ao Presidente, sr. Conselheiro Carvalho Pessoa, foi dado um voto de confiança para estudar o assumpto de installação do club, ou adquirindo edificio proprio n'um dos pontos mais centraes da cidade ou alugando o primeiro andar do magnifico palacio Foz na Avenida da Liberdade.

Já muitos estrangeiros, dos que vêm tomar parte no congresso internacional de medicina, se encontram em Lisboa. Principiaram os trabalhos na passada terça feira Presidiu á sessão o sr. dr. Cortezo, presidente da associação internacional da imprensa medica, cathedratico hespanhol, tendo á direita o sr. conselheiro Abel de Andrade. Ficaram dos lados os srs. dr. Bombarda e o jornalista medico francez dr. Blondel.

Em meio da sciencia uma notasinha de arte: inaugurou-se na Escola o retrato de Manuel Bento de Sousa, magnifica escultura de Teixeira Lopes.

O aspecto de Lisboa será inteiramente diferente por estes dias. Os passeios a Cintra e a Villa Franca deverão maravilhar os nossos hospedes.

Com a rapidez das communicações fez-se o mundo tão pequeno, que já quasi não ha estrangeiros. As continuadas visitas dos povos d'um paiz para outro, que, seja onde fôr, se pode chamar visinho, quasi faz do mundo inteiro um paiz unico. Lucra com isso a humanidade. Para o sen-

timento já não ha fronteiras. Ainda não ha muito, vimos os mineiros allemães correndo em socorro dos seus desgraçados companheiros francezes de Courrières; vemos agora todas as nações commovidas com as miserias a que deram causa as coleras do Vesuvio.

Já não são apenas os reis que viajam e tratam de fortalecer o equilibrio entre as nações. Todas as classes se unem, ainda que milhares de kilometros as separem. Vejam-se os telegrammas que todos os dias nos vão chegando sobre a forma por qua lá fóra, em Paris e Madrid, foram acolhidos os estudantes portuguezes. Até os chefes do estado os quizeram receber e applaudir.

Alguns mais modestos contentaram-se em dar uma volta pela nossa terra. Lá andou pelo Algarve a tuna da Escola Polytechnica, tocando em suas violas e representando a revista *De fio a pavio*. Uma grande alegria foi com elles; mais apertados ficarão os laços das amizades formadas na grande alegria bohemica.

Estão elles agora semeando saudades. Nós, os velhos, podemos fallar n'isso. Domingo é no collegio de Campolide a reunião dos antigos alumnos. Tambem todos fomos assim na primavera como esses que estafados nos chegaram agora a casa, perfumados ainda pelas flores que lhes atiraram; tambem nós tivemos dias alegres e cheios de luz. Mas, quando á mesma mesa nos reunimos, no collegio onde sonhámos, havemos de rir tambem recordando; mas uma ou outra lagrima ha de embaciar-nos os olhos.

JOÃO DA CAMARA.

XV CONGRESSO DE MEDICINA

Principiando hoje a occupar-nos do XV Congresso de Medicina reunido em Lisboa, cuja sessão inaugural se está realisando á hora que escrevemos, temos primeiro que saudar os illustres homens de sciencia, que de todo o mundo culto, vem honrar Portugal com a sua presença, e distinguir os medicos portuguezes, que tambem trabalham com amor e dedicação pelos progressos da medicina e pelo bem da humanidade.

E' um acto de confraternização este a que assistimos e que mais uma vez prova que a sciencia, assim como a arte, não conhece fronteiras, porque todos aquelles que dedicam suas faculdades intellectuaes ao estudo e progresso de uma e outra, no empenho de serem uteis á grande familia humana, são de todo o mundo, pertencem a todos os povos, são como o sol que illumina e fecunda a terra toda, por que todos utilizam e partilham das suas obras, n'este aperfeiçoamento constante e progressivo das sociedades.

Lisboa reúne n'este momento grande numero d'essas forças intellectuaes espalhadas pela superficie do globo. Tem que orgulhar-se com essa conquista pacifica, não menos gloriosa do que tantas outras conquistas belicas de que nossa historia está cheia, e por isso corria-lhe o imperioso dever de preparar recepção condigna a seus illustres hospedes.

Consequiu, com satisfação o dizemos, preparar essa recepção. N'isso poz todo o empenho a commissão executiva do congresso, que tem por presidente o sr. dr. Costa Allemão, thesoureiro o sr. dr. Alfredo Luiz Lopes, e secretario geral o sr. dr. Miguel Bombarda.

A este ultimo, escusado seria dizer, que pela qualidade de seu cargo, lhe competia o maior trabalho na organização do congresso e na recepção dos congressistas, calculados em numero superior a dois mil.

E' impossivel innumerar n'estas breves linhas tudo quanto o sr. dr. Miguel Bombarda teve a que attender, para que nada faltasse aos congressistas, em commodidades, em meios de expediente rapidos e promptos, para o bom andamento dos trabalhos e boa ordem das differentes secções, em numero de desasete, prevendo todas as eventualidades.

Bastará, porem, dizer que a fórma por que o sr. dr. Miguel Bombarda se desempenhou da difficilima e complicada commissão, fica acima de tudo que se poderia prever da sua comprovada intelligencia e actividade, podendo considerar-se a alma do congresso, pois a elle se dedicou de todo o coração, concorrendo para o seu maior brilho, o que será a melhor propaganda que se poderá produzir no estrangeiro em favor do nosso paiz.

No novo edificio da Escola Medica, de que trataremos mais para deante, estabeleceu o sr. dr. Bombarda, uma secção telegraphica, varios tele-

Exposição Colonial na Sociedade de Geographia de Lisboa



EXPOSIÇÃO DE CACAU E DE ALGODÃO

phones, correio, restaurante, venda de tabacos, de jornaes, tudo enfim de que possam carecer os congressistas, além de pessoal habilitado falando diferentes linguas, para lhes servir de guias, etc.

Para receber os congressistas organisou-se um Comité de senhoras portuguezas, o que pela primeira vez se faz em nosso pais, sendo mais um requinte de gentileza dessas senhoras para com as illustres congressistas estrangeiras.

Esse comité é formado pelas senhoras que figuram no bello grupo que apresentamos na primeira pagina e cujos nomes ali vão inscriptos.

Em o numero seguinte continuaremos a occupar-nos do XV Congresso de Medicina com o desenvolvimento que tão importante assumpto merece, illustrando-o com prefusão de gravuras, feitas sobre photographias especialmente tiradas por nossos collaboradores artisticos.

A EXPOSIÇÃO COLONIAL

Deve-se á benemerita e patriótica Sociedade de Geographia a exposição de productos da agricultura colonial, inaugurada na sala *Algarve*, e que o publico tem podido apreciar, como uma manifestação de riqueza das colonias portuguezas, que muito convem tornar bem conhecidas, como um novo mundo que promete um largo futuro a Portugal, uma bem fundada esperança de prosperidade e grandesa para a mãe patria.

Esta exposição foi inaugurada pelos srs. ministro da marinha conselheiro dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco e ministro das obras publicas conselheiro sr. Pereira dos Santos que examinaram detidamente os productos expostos, cuja boa disposição e ordem elogiaram, no que merece justos louvores a direcção da Sociedade pela iniciativa e perfeita realisação de tão util certamen.

São 55 os expositores que apresentam 55 amostras de cafés, 38 de cacau, 60 de algodão e 81 de borracha.

A meio da sala *Algarve* estão armados tres elegantes mostruarios, vendo-se no do centro varios artigos de chocolate, fabricados pela Companhia Frigorifica Portugueza com cacau vindo exclusivamente das nossas colonias; no da direita algodão em flôr, em rama, em fio e tecido, exposto pela Companhia Fabril Lisbonense; no da esquerda, borracha da Companhia de Moçambique, em artigos fabricados pela Companhia Portugueza da Borracha.

E' tambem importante a grande variedade de chocolates que apresenta a Fabrica de Chocolates a Vapor do sr. Antonio Joaquim Iniguez, que tem

posto o maior empenho no aperfeiçoamento d'esta industria, obtendo productos que rivalizam e levam vantagem aos similares estrangeiros. Esta fabrica é motivo de um artigo especial, em um dos proximos numeros como uma das manifestações mais importantes da industria nacional.

A firma Soares & Lobo expõe artigos de malha de algodão nacional, bem fabricados, e a sr. condessa d'Edla apresenta interessantes exemplares de algodão em flôr, em casulo e em rama, creados na sua propriedade de Parede, no concelho de Cascaes.

A disposição de todos estes productos está bem ordenada nos armarios e mostradores collocados ao longo da sala, e para melhor elucidar os visitantes vêem-se nos quatro angulos da mesma, exemplares da arvore da borracha e dos arbustos do café, do algodão e do cacau.

Como decoração vêem-se pelas paredes trofeus de bandeiras e de armas gentilicas, quadros com photographias representando plantações dos productos expostos, e um curioso quadro graphico da exportação d'esses productos.

Esta exposição tem sido muito visitada pelos congressistas estrangeiros que se acham em Lisboa, que a tem apreciado devidamente.



Exposição da Sociedade Silva Porto

Inaugurou no dia 5 do corrente a sua exposição de pintura a Sociedade Silva Porto, gloriosa recordação d'esse prestigioso artista, que foi como que um revolucionario da pintura em Portugal, da pintura de paisagem, principalmente, creando uma escola de nova feição, cujos resultados vão apparecendo nas exposições, que ha seis annos se repetem com os primeiros dias da primavera, quando os campos se cobrem de verdura e nas arvores dispontam as primeiras flôres.

E' por esses dias de ceu azul inundado de luz, que transpomos as sombrias abobadas do velho convento de S. Francisco, como corredores de horrivel masmorra, e lá chegamos ás pobrissimas salas da exposição, onde a arte nos

sorriu, como ninho de alegres plunitivos entre ruinas.

Preside áquelle certamenzinho um busto de Silva Porto. E' o projecto em gesso do monumento que lhe vae ser erigido num dos talhões da Avenida da Liberdade, esculptura do sr. Costa Motta, sobrinho, artista de largo futuro a julgar pelas primicias que ainda ha pouco apresentou em publico.

O busto de Silva Porto, numa das mãos sustentando a paleta e na outra o pincel, assenta sobre um velho tronco d'arvore, por onde a hera se entrelaça como nos seculares robles de Cintra. Sua expressão é triste, tem a vaga melancolia de uma vida que caminha para o occaso prematuro, e comtudo seus quadros são cheios de ar e de luz, que em sua paleta não havia as sombras que muita vez anoitariam o espirito do artista.

Esse ar e essa luz quizeramos nós vêr nas télas dos que seguem sua escola, mas cada artista tem seu temperamento, seu sentir, e ao encarar a natureza, nem todos lhe descobrem os segredos e tem o magico condão de, com as tintas da sua paleta em largas pinceladas sugestivas a reproduzirem com aquella simplicidade encantadora que enleva o espirito.

Em alguns quadros do sr. Saude podémos apreciar um tanto a exuberancia de ar e de luz, ha porem excessos de tinta, de empastes, sem aquella harmonia nem expressão que anima os quadros de Silva Porto. E' o que notámos nas suas télas *Manhã* e *No mercado* (Santarem).

Quatro são os expositores principiando pelo sr. Campas, alumno do 3.º anno, srs. Trigo e Saude, que vem expondo seus trabalhos desde a primeira exposição d'esta sociedade, e o sr. Cardoso, hoje pensionista do Estado em Paris.

O aspecto geral da exposição revela progresso e mostra trabalho bem dirigido, pelo que não regatearemos louvores ao professor sr. Carlos Reis.

Dos quadros do sr. Trigo notaremos *A beira do Vouga*, *Amendoiras á tarde* e *Flôres de Amendoira*, fazendo-nos este ultimo recordar o quadro de Silva Porto, *Macieiras em flôr*.

A exposição mais variada é a do sr. Cardoso, que apresenta paisagem, figura e marinhas, sob diferentes effeitos de luz, dominando a nota collorista do seu temperamento de peninsular.

São setenta e sete os quadros, que se repartem por duas salas, sendo des destinados a pre



EXPOSIÇÃO DE BORRACHA

(Photographias do sr. Benoiel)

Exposição da Sociedade Silva Porto

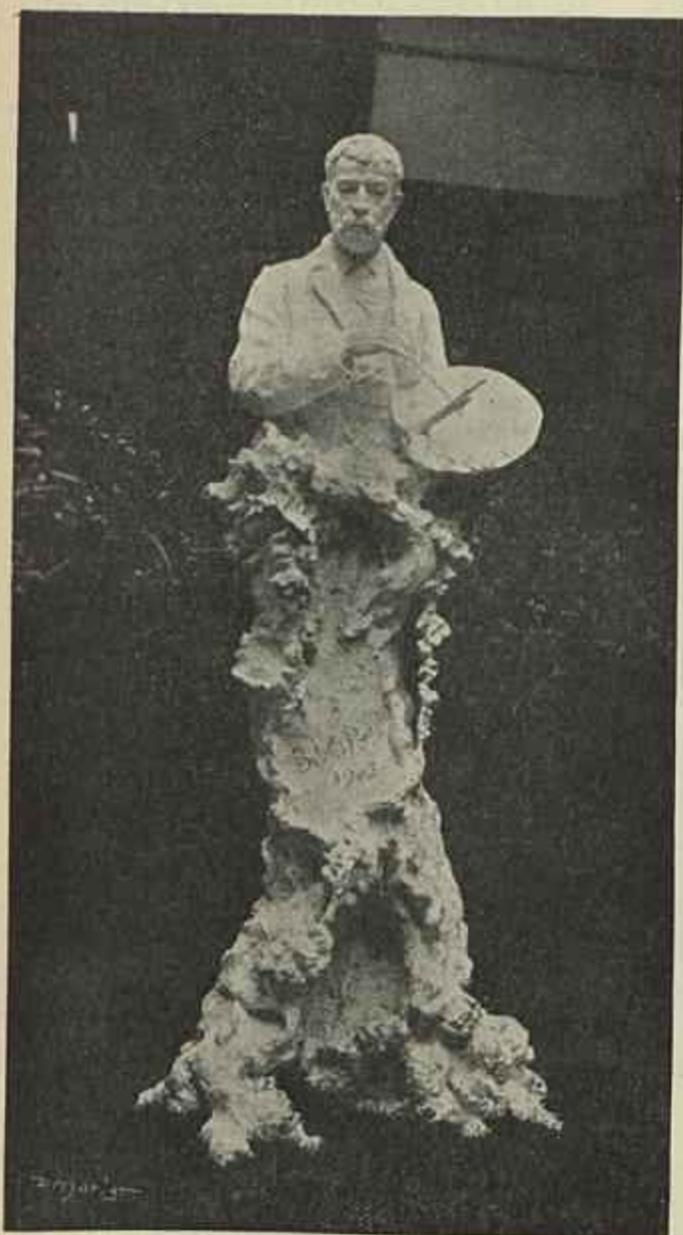


FIM DE UMA TEIMA



COLHENDO MALMEQUERES

(Quadros do Sr. Arthur Cardoso)



PROJECTO DO MONUMENTO A SILVA PORTO

Esculptura do Sr. Costa Motta (sobrinho)



A' BEIRA DO VOUGA (MANHÃ)

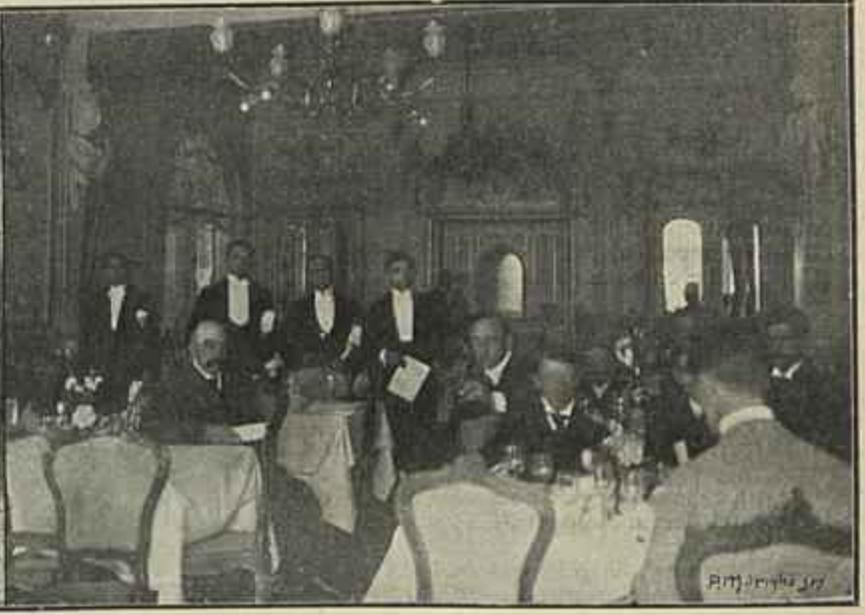
Quadro do Sr. Falcão Trigoso.



MANHÃ (VALLE DE SANTAREM)

Quádro do Sr. Antonio Saude.

(Photographias do Sr. Benoliel)



VISTA EXTERIOR — SALA DE ENTRADA, ESTYLO LUIZ XV — SALA DE VISITAS, ESTYLO LUIZ XV — QUARTO DE DORM R, ARTE MODERNA — SALA D E JANTAR, ESTYLO D. JOÃO V
O GRANDE HOTEL D'INGLATERRA

(Photographias do Sr. Benoliel)

mios para os socios. Uma outra sala, a primeira, é occupada pela exposição de esculpturas do sr. Costa Motta, sobrinho, onde domina o busto de Silva Porto, como dissémos, e que vae bem ali onde se rende culto ao glorioso artista. Mais duas estatuas, *Preparando-se para a lucta* e *Manhã de S. João*, dois bustos *Actor Taborda*, *Tio Tullio* e uma graciosa *Cabeça de bebê*, em mármore compõem esta exposição do talentoso artista.

C. A.



O Grande Hotel d'Inglaterra

N'um dos melhores sitios de Lisboa, na praça dos Restauradores, entestando a Avenida da Liberdade, occupando todo o grande predio que faz esquina para aquella praça e para a rua do Principe, está installado o *Grande Hotel d'Inglaterra*, cuja inauguração se fez no dia 15 do corrente, tendo sido tomados todos os quartos para alojamento de uma parte dos congressistas estrangeiros, que em numero superior a dois mil vieram a Lisboa tomar parte no XV Congresso de Medicina.

Não podia ser mais asada a occasião para estrecia de um estabelecimento d'esta ordem, de que a nossa cidade está ainda muito falha, e que, pelo movimento de visitantes estrangeiros que vae tendo, se tornam cada dia mais necessários.

Bons hotéis, bem organizados, com hygiene, conforto e bom gosto, é que são precisos, para que os estrangeiros encontrem n'esta formosa capital, tão largamente dotada pelos encantos da natureza, todas as commodidades e garantias que encontram nas cidades mais civilizadas da Europa e da America.

O *Grande Hotel d'Inglaterra* satisfaz plenamente a essas condições. E' um hotel moderno e o seu proprietario, o sr. Abel de Barros, é homem experimentado n'esta industria, pois que ha muitos annos tem o *Pension Hotel* da rua da Gloria, onde a maior parte de portuguezes que regressam do Brasil, ali se tem hospedado.

O nome de grande hotel cabe-lhe perfeitamente porque alem das salas de entrada, de visitas, de leitura, de jantar e gabinetes tem mais de 100 quartos divididos pelos seus cinco andares, para o que dá accessão um magnifico elevador electrico, havendo quartos de banhos em todos os andares, luz electrica em todas as salas e quartos, e muito ar e muita luz por todas as casas, disfructando-se das janellas dos quartos que deitam para a praça dos Restauradores um dos panoramas mais encantadores de Lisboa, como é a vista em toda a extensão da Avenida da Liberdade.

A parte decorativa das salas e dos quartos foi dirigida pelo sr. Augusto Pina, um consumado artista no genero, como se pôde vêr pelo gosto com que decorou a sala de entrada em estylo Luiz XV e a sala de visitas no mesmo estylo, o gabinete de leitura, em estylo Imperio, a grande sala de jantar, que podemos classificar epoca D. João V, onde se vêem lindos *panneaux* em tons suavissimos, pintura do sr. Antonio Baeta, entre os apainelados de molduras em graciosos relevos, sobresaindo das paredes, classicas caridades, obra do sr. Pina. Ao fundo d'esta sala ha uns bellos vitraes com pinturas, trabalho do *atelier* Julio.

O quarto Luiz XV que se encontra no 3.º andar é tambem bellamente decorado, sendo digno de apreço o seu mobiliario e tapeçarias, assim como um outro quarto decorado em estylo moderno de Arte Nova.

Todos os pavimentos são cobertos com oleados ingleses de lindo gosto, vindos expressamente de Londres, assim como as tapeçarias vieram de Paris.

O mobiliario elegantissimo que guarnece as salas, quartos e gabinetes, nos respectivos estylos, é trabalho nacional e foi fornecido pelos srs. Reis & Fonseca, com deposito em Lisboa e fabrica no Porto. E' um trabalho que honra a industria portugueza e especialmente a fabrica dos srs. Reis & Fonseca.

As obras que houve a fazer no predio para o adaptar a hotel, foram dirigidas pelo sr. Seabra de Barros.

O pessoal do hotel, dirigido pelo sr. Joaquim Costa, é composto por portuguezes, francezes, ingleses e allemães.

O estabelecimento do *Grande Hotel d'Inglaterra* sob os pontos de vista d'arte, hygiene e commoidade, é um grande melhoramento para a nossa capital.

Radio-actividade da agua

DOIS RADIOGRAMMAS

A explicação do phenomeno luminoso de Santa Cruz de Vinhaes, deve relacionar-se mais com a natureza da agua do que com a natureza do solo.

Pode ser que a agua deva as suas propriedades radio-activas á natureza do minerio existente no sub-solo e que pelo contacto com saes de Radio ella arraste alguns que se dissolvem n'ella.

Mas aqui não discutimos qual seja a origem d'esses saes existentes na agua e queremos sómente dizer, que a natureza da agua influe para a existencia do phenomeno mais do que a natureza das rochas do solo. Não se fez ainda a analyse d'essa agua pelos processos conhecidos nos laboratorios, e pouco ou nada se adianta fazendo-a, porque até hoje não é conhecido o reagente que accuse a existencia da radio-actividade ou como diz Jacques Danne: nenhuma reacção chimica pôde ainda ser obtida com a emanação (1). O unico processo é então o da analyse spectral ou o methodo photographico.

Fallemos sómente d'este. Como resultado de experiencias rigorosamente feitas n'este sentido, esta agua, a do sitio do Banho entre Fresulfe e Santa Cruz, proximo do rio Tuela, na margem esquerda, impressiona a chapa photographica, operando a redução dos saes de prata e produzindo o que se chama, não uma mancha, mas uma impressão photographica, quer dizer uma impressão igual á da luz, mas mais intensa que a da luz ordinaria.



FIGURA I



FIGURA 2

Do que digo, apresento estas duas provas que foram obtidas com o rigor que o methodo exige,

isto é — a chapa isolada por um papel preto, e, como se trata d'agua, eu acrescento um papel impermeavel para evitar o contacto com a agua, o que só por si não pode fazer o papel preto. Experiencias auxiliares e previamente feitas demonstram que nem o papel só por si, nem a agua commum só por si, nem a acção combinada do papel e da agua produzem qualquer impressão igual a esta na chapa, logo posso dizer a agua do sitio indicado é radio-activa. Quando foi conhecido do publico o phenomeno de Santa Cruz no qual eu affirmei haver uma manifestação de Radio, pensou alguém que alli estava uma grande riqueza. Não sei. E' certo que são conhecidas as maravilhosas propriedades do Radio e não tenho necessidade de me occupar d'ellas por serem assaz conhecidas, mas até hoje ainda não passou do campo da theoria tudo quanto se tem feito e obtido com essas propriedades. Ainda ninguem pensou em utilisar-lo como motor, como meio illuminante ou como calorifero apesar d'elle desenvolver força, luz e calor. O que até hoje é pratico e utilisavel é a emanação, diferente da luz, do calor e da força.

Esta sim que goza de magnificas propriedades que já são utilizadas em medicina. Ella é bactericida, impedindo o desenvolvimento das colonias microbianas, ella activa os phenomenos vitais das glandulas, dos tecidos, dos orgãos, modificando as trocas intercellulares que se dão na sua intimidade e esta acção excitante é tambem uma acção tonica, porque, imprimindo uma maior vitalidade ás cellulas, melhora a nutrição geral (2). N'esta agua existe pois o que ha mais importante e utilisavel no Radio, vem a ser a emanação. Alem d'isso, pelo conhecimento que tenho dos phenomenos de activação artificial, ou radio-actividade induzida, posso dizer que ella pode ser transportada em garrafas de vidro para o local onde seja necessario o seu emprego, porque a emanação não atravessa o vidro, nem n'estas condições os saes de Radium exercem acção sobre os objectos circundantes.

Alem d'isso uma das provas que apresento foi obtida com agua colhida ha dez mezes, é a do n.º 2. Tal é a propriedade d'esta agua e as impressões da chapa são devidas não á agua, mas ao gaz que ella contém em dissolução. Agora só me resta chamar a attenção do corpo clinico para ella, pois creio que ella deve ser um valioso recurso para a medicina.

Porto, 16 de abril de 1906.

MIGUEL JOSÉ RODRIGUES.

(1) Le Radium pagina 71.

(2) Dr. João Novaes. Relatorio das Aguas de Caldellas.

LITTERATURA ANGLO-AMERICANA

Um cavalheiro irlandês

Por

W. SOMERSET NAUGHAM

(Continuado do n.º antecedente)

II

Era tal o estado das suas finanças que arredava de banda a qualquer plano de economia e ordenou ao estalajadeiro que lhe trouxesse uma garrafa do melhor vinho da sua frásqueira. Corrêra, veloz, a noticia d'esta sua aventura, e os varios comensaes á mesa redonda, estavam anciosos por saber pormenores; porém Mister O' Donnel, com um aceno de mão, pôs ponto ás indagações, dando-lhes a entender que entrava nos seus habitos quotidianos o suspender cavallos desbocados.

Ainda bem não havia engulido o jantar, eis que entra o criado e lhe participa que o Chanceller desejava fallar-lhe, segunda vez.

— Não haverá ahí alguém que me livre da peste d'este homem? clamou Mister O' Donnel, no auge de irritação. «Diga-lhe que estou jantando, mas que folgarei immensamente se elle me dispensar a honra de beber um copo de vinho á minha saúde.

O estalajadeiro, maravilhado ante o espirito independente do seu hospede, foi pessoalmente transmittir a mensagem, e deu entrada na sala o Conde Pedro.

Um tanto sêcco, significou o seu desejo, de fallar á puridade com o nosso irlandês, e n'um instante, foram os dois deixados a sós. Hesitou por instantes, algo compromettido, a engulir o vinho que Mister O' Donnel insistiu com elle para que acceitasse.

—Havê-lo-á deixado um tanto perplexo o facto d'esta minha segunda intrusão á sua presença, declarou, por fim, de chofre.

—De modo nenhum. Avalio cabalmente que o atrainha aqui o prazer que encontrou na minha companhia.

—Fez carranca o bom do Conde, nada afeito a tanta flamancia, e pegou a rufar com os dedos, na mēsa.

—Sou portador de uma mensagem, apologética. Sua Altēsa Serenissima ordena-me o expressar ao cavalheiro a sua magua, e a minha, egualmente, pelo insulto que lhe foi dirigido.

Mister O' Donnel nutou a cabeça.

Estava iracundo.

—Valham-nos os santos todos do céu! ejaculou o ancião, de mãos erguidas.

—Rabiou, tonitruou, fumegou!

Não põe na sua ideia, que casta de homem ali está!

Por um triz que não me manda encarcerar... Deseja saber de que modo poderá testificar-lhe o relevantissimo serviço de que lhe é devedor.

—Pois que me dispense a honra de vir jantar comigo amanha, respondeu Mister O' Donnel, sem hesitar.

—Enlouqueceu, senhor? Ignora acaso que João Adolpho é o principe mais orgulhoso em toda a Allemanha? Ha tanta possibilidade em elle jantar á sua mēsa, como o haveria em...

E o Chancellér em busca de qualquer monstruosa comparação, mas não a encontrou. Repetiu que era impossivel uma tal combinação; que o Principe consideraria semelhante convite como o auge da impudencia; sendo possivel, até, o Principe mandar conduzir o irlandês para além da fronteira.

—Alvitre que certamente me pouparia a despesa da diligencia, entremetteu, ridente, Mister O' Donnel.

O Conde raciocinou, argumentou, persuadiu, e o outro, inabalavel, contudo. Que não ambicionava coisa nenhuma d'este mundo salvo a companhia ao jantar de Sua Altēsa Serenissima o Principe João Adolpho de Wartburgo Hochstein. Até que, finalmente, se despediu o Chancellér, declarando, rispido, que a resposta seria trazida no dia seguinte por um piquete de soldados. Mister O' Donnel encolheu os hombros, e retirando-se, acto-continuo, compôs os primeiros versos de uma ballada sugerida pelas masmorras de Wartburg Hochstein. Pela manha, um escudeiro trouxe a resposta de Sua Altēsa Serenissima, a saber: que o Principe se dignaria de vir jantar com Mister O' Donnel n'aquella mesma tarde.

(Continua)

M. DE MACEDO

Vida e morte

(Continuado do n.º 981)

«A vida, sustenta Miguel d'Arriaga, filósofo contemplativo, é o fogo cosmico elevado ao estado consciente e sciente de si mesmo, que tem a alma por calor e o espirito por luz.

«O principio da vida humano-terrestre, esclarece ainda, foi o fogo cosmico, que attingiu a consciencia e sciencia de si mesmo, tomando a alma por calor e o espirito por luz.»

Nas duas variantes precedentes de uma só e mesma definição, noto muito poucas palavras e um abismo de idéas complexas.

A vida que, dependendo de tantissimas contingencias, á primeira vista se revêla porventura facil de compreender, a vida ninguem definiu até nossa idade, e apenas é acessivel ao homem verificar o fenómeno biológico.

Agrégue-se ao termo — vida — aliás simples, a comitiva de termos taes como alma, calor, espirito, luz, e a nossa mente enturva-se, as nossas idéas baralham-se no cerebro, o nosso sistema nervoso ajita-se e altera-se.

Fogo cosmico impõe-se-nos como condição de vida, e não condição absoluta, mas subordinada a outras condições indispensaveis.

E' concebivel sequer, fogo sem ar que o vitalise? o ar, este fluido que respiramos, esta maravilha da natureza, existe sem preciosos elementos que o constituam?

Que coisa é alma, — que coisa é calor, — que coisa é espirito, — que coisa é luz; e em que relação se mostram para com a vida?

Definir é desenvolver os caracteres duma idéa; é saciar-se não só a si, mas saciar aos outros tambem.

Quando isto não ocorre, não ha definição; tudo

se limita a futil tentativa, tudo fica imperfeito e incompleto.

Ora, o que já está na pōsse da ciencia é a fenomenalidade, e não a essencia intima de cada fenomeno.

O sabio percebe perfeitamente que cabe em seus meios o artificio, mas é insuperavel a distancia do artificio ao real.

Neste caso compete ás faculdades o genero intuitivo, sendo-lhes forçoso todavia permanecer contra o minimo e o-maximo da respectiva envergadura.

Como pôde sustentar-se pois, que vida humana seja "fogo cosmico" em "estado" de "consciencia e ciencia"?

Que a vida é o producto da vida, demonstrou-o com firmēsa de exuberancia Pasteur, servindo-se do argumento irresistivel dos factos

(Continua).

D. FRANCISCO DE NORONHA.

OS CONCERTOS HISTORICOS

Vão ser seguramente um grande acontecimento artistico em Lisboa, os concertos de musica antiga, que brevemente se realisam no Real Conservatorio.

A este respeito encontramos na revista *LA ARTE MUSICAL*, um interessante artigo de que extraiamos alguns trechos.

«Nunca entre nós se ouviram as obras primas dos seculos XVII e XVIII, com os instrumentos proprios d'essas remotas epochas e é justamente esse o lado mais interessante das duas audições que já aqui annunciamos e que definitivamente se realisarão a 3 e 5 do proximo mez no Salão do Conservatorio.

«Cada epocha tem os seus costumes, os seus gostos e as suas tendencias; te'n tambem a sua litteratura propria, a sua musica, os seus poetas, os seus artistas.

«E' um verdadeiro regalo para o homem intelligente passar em revista, commentando-as e confrontando-as, as diversas transformações que tem experimentado, no decorrer dos seculos, os processos que os nossos antepassados empregavam para realizar o seu ideal artistico ou poetico.»

«Assim, na litteratura musical dos seculos XVII e XVIII ha encantadoras cousas, que os musicos de hoje quasi desconhecem ou, quando muito, desnaturalam nos instrumentos demasiado sonoros do tempo presente.

«O que distingue a musica d'esse periodo é a graça, o encanto e pureza da melodia, a que os virtuosos d'esse tempo, os Marais, os Destouches, os Milandre, sabiam imprimir efeitos de extraordinaria intensidade expressiva. Era a escola do bonito som, da justesa, da expressão pura, sem affectações, em que se notabilisaram os primeiros violinistas, com Corelli e Tartini á cabeça, assentando as bases modelares da arte do violino, tal como a comprehendemos ainda nos nossos dias.»

«Salvo algumas obras de certos cravistas, como Daqui, Rameau, Scarlatti e poucos outros, mais ou menos desnaturaladas nas transcrições pianísticas, que por completo falseam a propria essencia d'este genero d'arte, é forçoso confessar que o publico de Lisboa não conhece ainda os mais bellos specimens musicas do periodo que apontamos, tão exuberante em produções do mais elevado interesse e tão pittoresco pelo emprego dos instrumentos curiosos e hoje desusados, com que taes obras eram n'esse tempo interpretadas.»

«Para o bom desempenho d'estes concertos historicos os seus organisadores contrataram os maiores notabilidades conhecidas, na viola d'amor e na viola de gamba, os illustres professores Louis Van Waefelghem e Georges Papin, de Paris.

«Waefelghem, tem dedicado uma boa parte da sua actividade artistica á diffusão da viola d'amor e da litteratura especial que a este lindo instrumento se refere. Além dos concertos Diémer, de musica antiga, em que Waefelghem desempenhava um notabilissimo papel, tem-se apresentado inumeras vezes a solo, tanto em Paris como em outras capitães, obtendo em toda a parte o exito a que tem direito a sua grande seriedade e consciencia artistica e os seus apreciaveis dotes de virtuose.»

«A vida artistica de Georges Papin tem tambem sido mui digna de nota. Discipulo de Franchomme no violoncello, obteve um primeiro premio na sua classe do Conservatorio de Paris. Desde 1889 que é solista da opera e da Sociedade de

Concertos do Conservatorio e apóz a morte de Del-sart, tomou constantemente parte nos concertos da *Sociedade de Instrumentos Antigos*, ao lado de Diémer, de Waefelghem e do saudoso Laurent Grillet.

«Com estes notabilissimos concertistas vão colaborar nas audições de Lisboa tres das nossas mais apreciadas entidades artisticas, que quizeram gentilmente ligar o seu nome a um empreendimento de pura Arte, verdadeiramente desinteressado e nobre.

«Na parte vocal, presta amavelmente o seu curso uma illustre amadora, a sr.ª D. Bertha Dau-pias, cujo merecimento n'este genero de musica já tem sido largamente comprovado, e que a par de uma voz encantadora e ductilissima, tem segredos de dicção absolutamente raros entre nós

«Nas partes de crav., apresentar-se-ha um dos nossos mais conceituados mestres, o sr. Hernani Braga, que desde alguns annos se tem especializado no estudo dos cravistas, praticando os no seu delicioso *clavecin* d'Erard com amorosa convicção e com especial auctoridade.

«Antonio Lamas, cujas qualidades de tocador e de estudioso são bastante conhecidas dos nossos leitores de Lisboa, por tantas vezes ter tido occasião de evidenciar entre nós as suas poderosas faculdades de artista, encarregar-se-ha da parte de segunda viola d'amor, nos quartetos.»

Nestes concertos serão ouvidas composições de Marais (1686), de Couperin (1721 e 1722), de Locatelli (1730), de Caix d'Hervelois (1732), de Rameau (1760), etc.

Uma novidade no nosso meio musical que vae ser muito apreciada, especialmente pelos amadores da boa musica.

O MEZ METEOROLOGICO

Março. 1906

Barometro.—Maxima 776,^{mm}9 em 1.

—Minima 743,^{mm}4 em 25.

A altura maxima barometrica, registada n'este mez é das maiores observadas em Março.—Só foi excedida em 1869 (777,8), em 1871 (777,9), e em 1901 (778,4).

Thermometro.—Maxima 22,^o em 17.

—Minima 6,^o1 em 26.

Se as oscillações de temperatura até 8, foram pouco sensiveis, a partir d'esse dia, o thermometro esteve sujeito a altas e baixas bruscas. Em 9, elevou-se a 20,^o9, e em 10, a 19,^o7, para baixar a 15,^o7 em 11, a 15,^o4 em 12 e a 15,^o3 em 13.—Elevou-se a partir de 14, chegando acima de 20,^o desde 15 a 19, mas em 20, descia a 17,^o9, e, em 21, a 14,^o3.—De 22 a 29, baixas temperaturas. Em 22, maxima 11,^o2, em 23, 11,^o1, em 25, 10,^o9, (a mais baixa temperatura observada n'este dia, desde a fundação do observatorio), em 26, 11,^o2 e em 27, 10,^o8, com um minimo de 6,^o2.—Em 28 a maxima era de 12,7 (contra 20,^o2 em 28 de Março de 1905), em 29, de 13,^o3 (contra 25,^o7 em 29 de Março de 1905, ou seja a menos 12,^o4) e em 30, 15,^o8 (contra 24,^o3 em 30 de Março de 1905); n'este dia o minimo foi de 6,^o8 contra 16,^o5 em 1905.

Vento dominante.—NE.

Chuva.—45,^{mm} em 11 dias.

Estado do ceu.—Limpo ou algumas nuvens 7 dias.

Nublado 20 dias.

Encoberto 4 dias.

Evaporação média.—2,^{mm}4

Relampagos e trovoadas em 26.

Granizo em 28.—Nevoeiro em 5 e 30.

Força do vento.—(9 h a m).

M. Fraco 4 dias.

Fraco 7 »

Moderado 13 »

Fresco 6 »

Forte 1 »

Com relação á temperatura, é dos meses de Março mais anormaes, que se tem observado.

Inauguração do Dispensario «D. Amélia»

Com toda a solemnidade foi oficialmente inaugurado na tarde de 18 do corrente o edificio do Instituto Central da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, denominado Dispensario D. Amélia, construido no local onde foi demolida a Ribeira Nova.

A esta cerimonia assistiu toda a familia real, ministerio, dignitarios da corte, direcção do instituto, grande numero de medicos e mais convi-

Inauguração do Dispensario "D. Amelia"



DR. D. ANTONIO DE LENCASTRE

drilongo, occupa uma area de 36 por 17 metros, e compõe-se de cave, res-do-chão, andar nobre e mais um pavimento superior, destinado a arrecadação e deposito de material.

A cave tem uma caixa d'ar em toda a extensão do edificio, preservando-o completamente da humidade do solo.

O res-do-chão é occupado pelo Dispensario de Lisboa e serviços annexos de analyses, clinica, bacteriologia, radiographia, operações, larygeologia e pharmacia, gabinetes para observação de doentes, sala de espera, etc.

No andar nobre fica o Instituto Central propriamente dito; sala nobre para sessão da assembléa geral e conferencias, salas para comissões, gabinete do secretario geral, secretaria, thesouraria, bibliotheca, inspecção technica, archivos, etc.

A construcção foi esmerada e n'ella se observaram os mais rigorosos preceitos da moderna hygiene.

Os angulos são arredondados, as paredes pintadas a tinta Juter Hartman Battingen e revestidas de lambris de azulejo branco até á altura de 1^m,50.

A ventilação é feita por aparelhos especiaes, facilitada pela forma dos tectos e por uma ranhura que corre todo o edificio no pavimento do res-do-chão, por onde sae o ar viciado e garante uma atmosphera purissima na sala do Dispensario.

O projecto d'este edificio deve-se ao architecto sr. Rosendo Carvalheira, que n'este importante trabalho provou mais uma vez a sua grande competencia scientifica e gosto de artista. Collaboraram tambem n'esta obra os ars. engenheiros Severiano Monteiro e Falcão Rodrigues, tendo dirigido os trabalhos de construcção o sr. Rafael de Castro que a conseguiu concluir no curto espaço de dez mezes.

dados, reunindo-se todos na grande sala do instituto, onde se celebrou a sessão solemne, dando Sua Magestade a Rainha D. Amelia a palavra ao sr. dr. Antonio de Lencastre que leu o discurso de inauguração, feito pelo sr. dr. Alfredo Luiz Lopes.

N'esse discurso se relata em resumo os serviços prestados pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos, aos atacados da terrivel enfermidade e quanto a mesma Assistencia tem combatido aquelle mal, cooperando com ella, não só a boa vontade do publico, mas o grande e principal auxilio que Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia tem prestado, pondo n'isso todo o seu valioso empenho, como era ainda uma prova a inauguração d'aquelle edificio para sede do Instituto Central.

Sendo já importantes os beneficios que resultaram para o publico, do Dispensario provisório, maiores irão ser agora n'um edificio adequado, expressamente feito sob todas as condições hegyenicis, onde não falta ar, luz e espaço para attender convenientemente os doentes.

De facto o edificio, em forma de qua-



O DISPENSARIO «D. AMELIA» EM LISBOA

(Cliché do sr. Benoliel)

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz do Camões) — LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de 1900
Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. M. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GRANES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

NOVIDADE EM RETRATOS DE CRENÇAS

REPRODUCCOES — AMPLIACOES

Trabalhos fóra do atelier

Photographias de animaes, paisagens, Jardins, Interiores, etc., etc.

Lisboa — Rua do Loreto, 43 — Lisboa



A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco da Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais Espagnol,
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal